
INTRODUÇÃO

A moda é um documento estético sociológico único. A partir dela, é possível acompanhar as sensibilidades de uma época e reconhecer fatores determinantes da mudança social. Lipovetsky (1987) compara a moda com um espelho no qual se reflete aquilo que faz nosso destino histórico mais singular: a negação do poder imemorial do passado tradicional, a febre moderna das novidades e a celebração do presente social.

Hoje, a moda não é mais um tema sobre exclusividades e minorias, está presente nas ruas, assumida pelos diferentes grupos e tribos como elemento de confirmação e afiliação dos membros; atinge a todos, transformando-se num fator gerador de identidade. Para Medina (2008), o ato de vestir é uma prática social complexa que muda segundo

o contexto em que se desenvolve e pode desempenhar diferentes papéis. Pode ser um escudo, uma máscara, um espelho, um espetáculo ou uma ferramenta de sedução. Essas funções do vestir e o valor atribuído pelas pessoas não são sempre os mesmos e podem mudar segundo as circunstâncias, as épocas e as culturas. Para entender o papel que a vestimenta representa na vida das pessoas, é preciso avaliar a importância dos fatores sociais, a influência do contexto e as ações individuais, é preciso ter consciência de que o vestir é uma prática contextualizada, nunca isolada.

Nas últimas décadas, temos visto um interesse crescente quanto a produtos de moda por parte do mercado masculino, de modo que os homens, hoje, gozam de uma certa liberdade para cuidar da sua imagem e beleza. No entanto, é importante entender que os modos e os comportamentos não se transformam da noite para o dia e saber que a moda masculina tem uma história e uma trajetória própria se torna crucial para a conhecermos hoje. Neste capítulo, apresentamos, de forma breve, alguns acontecimentos e conceitos importantes que tiveram uma repercussão significativa no surgimento e no desenvolvimento da moda masculina.

SÉCULO XVII: O ESTILO BARROCO E O REI SOL

Alguns autores identificam o começo da moda masculina na Europa com Luís XIV (idealizador do Palácio de Versalhes), que reinou na França de 1643 a 1715, chamado também do Rei Sol. Naquele tempo, a França representava a elegância para os europeus na arquitetura, na arte, no estilo de vida e nas roupas, sendo esse contexto o cenário perfeito para o surgimento do primeiro “pavão” da moda masculina: o Rei Sol. Considerado o homem mais bem vestido da Europa, Luis XIV foi em seu momento histórico o que hoje nomeamos de um *influencer*, ou melhor, um verdadeiro guru da moda. Assim, Luis XIV e seu círculo inspiravam esteticamente o Velho Continente, pois os trajes dos cortesãos refletiam o gosto do monarca e se compunham de perucas frisadas com cachos, salto alto e roupas confeccionadas perfeitamente.

Figura 1 Duque de Medinaceli usando *justaucorps*.

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Justaucorps#/media/File:Voet-duque_de_medinacelli-prado.jpg. Acesso em: 20 jan. 2021.



Juntos Luís XIV e Charles II revolucionaram a imagem masculina, exportando o novo estilo do homem primeiro pela Europa e, depois, mundo afora.

O *justaucorps* converteu-se em uma das peças mais importantes da história da indumentária masculina; ao longo do tempo, sofreu algumas modificações, e seu uso foi prolongado até a segunda metade do século XVIII.

O legado do Rei Sol para a moda é inegável; seu estilo enriqueceu o vestuário masculino como nenhum outro, e sua roupa foi idolatrada e imitada por muitos. Foi no reinado dele que o luxo se transformou em objeto de desejo e consumo. Durante o período, a França passou a ser considerada a maior impositora de elegância e estilo do mundo.

SÉCULO XVIII: A REVOLUÇÃO FRANCESA

Para o século XVIII, a moda já fazia parte de todas as classes sociais e era usada por todo aquele que podia consumir suas propostas e seus produtos. A França continuava sendo a principal influência de moda para homens, entretanto perdia cada vez mais terreno para a Inglaterra, que aperfeiçoava pouco a pouco o estilo masculino inglês.

Na segunda metade do século, ocorre uma transformação do vestuário que simplificaria a silhueta. Surgiu na França um traje formal que se tornaria popular em toda a Europa entre os nobres e os homens de negócios: o *habit complet à la française* (Figura 2), descrito por Rodrigues (2019) da seguinte maneira:

Uma evolução do *justaucorps*, cuja casaca era um pouco mais curta, mangas mais estreitas e punhos mais discretos e gola para cima, sem lapelas. Usava-se aberto para deixar em evidência o preciosismo dos bordados do colete mais justo, símbolo de status, o século XVIII pode ser chamado da era do bordado para homens. (p. 37)



Figura 2 *Habit complet à la française*.

Fonte: https://www.centraalmuseum.nl/en/collection/7900-001-003-heren-kostuum-habit-la-franais-anoniem/slideshow/7900-001-003_09-tif/image_view_fullscreen. Acesso em: 20 jan. 2021.

Figura 3 *Sans-culottes*, revolucionários franceses.

Fonte: <https://myworldworld.ru/pt/fizika/chtotakoe-sankyuloty-znachenie-slovakysankyuloty-sankyuloty-v-slova/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Mas a extravagância e a artificialidade da aristocracia francesa eram, cada vez mais, criticadas e questionadas pela sociedade europeia do final do século. Graças às influências inglesas, aconteceriam algumas mudanças de rumo buscando uma certa simplicidade, o *habit complet à la française* passou a ser usado apenas na corte francesa, e a Inglaterra converteu-se, pela primeira vez, em líder de moda e estilo para homens. Muitos aristocratas do velho continente abandonaram as referências da França e adotaram o modo de vestir inglês com toda a austeridade e a elegância da sua peça fundamental: o *business suit*.

Para Schmitt (2018), os decretos de proibição do vestuário aristocrático após a Revolução Francesa foram decisivos no processo de tornar a Inglaterra a ditadora principal da moda masculina e, segundo a mesma autora, os *sans-culottes* (Figura 3), indivíduos militantes da Revolução Francesa que vestiam calças compridas de algodão e paletó curto, seriam os responsáveis pela extinção dos calções na classe média, pois impunham a substituição da indumentária sensualista da corte por uma vestimenta racional e obrigavam o cidadão a manifestar seu desprezo pelo estilo cortesão.



A Revolução Francesa banuiu as diferenças de classes, todos os ornamentos e as extravagâncias desapareceram. Nas décadas seguintes, o vestuário masculino perdeu a cor e tornou-se mais simples, confortável e solto.

Começa um dos períodos mais marcantes da história da moda, chamado por Flügel (1966) de “grande renúncia” – quando a moda masculina se obscurece. A partir desse momento, os novos cânones de elegância masculina serão a discrição, a sobriedade, a rejeição da cor e do ornamento.

SÉCULO XIX: REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E O SURGIR DOS DÂNDIS

O século XIX foi caracterizado pelos grandes avanços da tecnologia, que tornaram possível a fabricação em massa e, conseqüentemente, o surgimento da indústria da moda e vestuário, assim como as primeiras lojas de departamento. Pela primeira vez, o usuário comum poderia tocar e experimentar as roupas antes de comprá-las. Ocorre, também, a Grande Exposição de Londres, em 1851, onde todas as invenções do século foram exibidas.

Nesse contexto de mudanças e modernidade, a influência inglesa na vestimenta masculina tinha dominado o Antigo e o Novo Continente, os homens já tinham adotado a cor preta como uniforme. Segundo Harvey (2004), quando a Revolução Industrial entra em cena, o preto atendia à necessidade de emprestar uma honra modesta e algum escrúpulo a quem conquistara sua posição pelo trabalho e nunca pelo sangue ou troca de favores com a realeza. Na época, as aglomerações masculinas tinham cara de funerais, a moda masculina carregava a marca do perpétuo luto.

Nesse panorama, surgiu uma das figuras mais populares da história da moda: o dândi, que chegou para incomodar o comportamento padrão do homem. Dois dos mais conhecidos foram George Bryan Brummell (da Inglaterra) e Charles Baudelaire (da França). O primeiro é considerado pioneiro do dandismo na história da moda; Rodrigues (2019) o descreve como um árbitro da moda, cativador das pessoas por meio do detalhe e da precisão de seus trajes; não era considerado exatamente um transgressor, chamava atenção sem excentricidades. Para Queiroz (2009), era uma espécie de modelo

Figura 4 Dândis franceses.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dândi#/media/Ficheiro:Dandys_1830.jpg. Acesso em: 23 fev. 2021.

com uma primorosa sobriedade na apresentação que o fazia ter poder e influência sobre a classe dominante. Todos os detalhes da sua vestimenta eram perfeitos: casacos finos, camisas, gravatas, calças e calçados, todos impecáveis. Ele considerava os exageros vulgares e pregava uma elegância sóbria.

Na França, o *dandismo flâneur* (Figura 4), representado por Baudelaire, era diferente, com longos sobretudos pretos, coletes, sapatos bem brilhantes e gravatas coloridas. Baudelaire era um intelectual fino e elegante, costumava dizer que o homem deve viver como se estivesse sempre diante de um espelho, mesmo quando dorme. Tinha uma aparência exótica, diferente e sempre estava perfumado, com cabelos bem penteados e barba perfeita. Para Queiroz (2009), a aparência do dândi francês, seu vestir, seu perfume, seu elogio ao ócio e ao prazer do cortejo eram formas de desafiar a massa burguesa da época. Segundo o autor, enquanto o dândi inglês ensinava ao homem a se vestir, o dândi francês desafiava os padrões com excentricidades.

Seja na França ou na Inglaterra, o mais interessante desse movimento é a importância dada à imagem e à vaidade. É interessante como esses personagens (os dândis), por meio de rupturas mais ou menos escandalosas, conseguiram se consagrar como líderes de opinião e impor suas ideias quanto ao vestuário e aos acessórios diante de sociedades tão fechadas.

O legado dos dândis, sobretudo de Brummell, para a moda masculina é inegável. Eles conseguiram impor uma imagem masculina por meio dos detalhes da vestimenta.



SÉCULO XX: A MULTIPLICIDADE DOS ESTILOS

A MODA E AS GUERRAS MUNDIAIS

No começo do século, os homens jovens, pela primeira vez, começaram a querer diferenciar-se dos velhos por meio da indumentária. A alfaiataria, então, passou a oferecer silhuetas mais modernas. Surge um terno mais justo e de cintura alta, com fechamento de dois ou três botões e que se tornaria o uniforme dos executivos jovens ocidentais.

Tal comportamento, após a Primeira Guerra Mundial, ganha ainda mais adeptos, e a moda masculina passa por um processo de descontração. Rodrigues (2019) aponta que a alfaiataria começou a ser mais relaxada e menos dura, os homens começaram a usar camisas de colarinho mole, incorporaram ao guarda-roupa o suéter, que permitia criar sobreposições, e deram uma cara nova às peças básicas.

Na França, aparece uma camisa esportiva branca de manga curta que ajudava a conter o suor; foi apelidada de camisa polo por ser muito popular entre os jogadores desse esporte. A peça tornou-se conhecida e passou a ser usada por jovens nobres e plebeus.

A Segunda Guerra Mundial trouxe austeridade e mudanças significativas na roupa masculina. De acordo com Rodrigues (2019), a marinha dos Estados Unidos desenhou um tipo de *underwear*: uma camisa com decote redondo e manga curta confeccionada em algodão branco, com seus braços formando um “T” – disto vem sua nomeação, *t-shirt*. Quando a guerra acabou, a nova geração, sedenta por novidades, incorporou a vestimenta militar ao próprio guarda-roupa: camisetas, roupas de cores cáqui e verde, calças estilo marinheiro, jaquetas *bomber*. O estilo relaxado americano invadiu as ruas do mundo ocidental.

O PÓS-GUERRAS

Já na metade do século XX, surgiram dois estilos dominantes da moda entre os homens: os *rockers*, nos Estados Unidos, e os

Figura 5 James Dean.
Fonte: <https://www.papodecinema.com.br/especiais/in-memori-am-james-dean-1931-1955/>

Teddy-boys, na Inglaterra. Os *rockers* tiveram como principais representantes dois nomes que, segundo Queiroz (2009), bastariam para mudar todo o imaginário masculino: James Dean e Marlon Brando. Eles se apresentavam só de jeans e camisetas brancas, que contornavam seus corpos fortes (Figura 5). Para o autor, a imagem desses dois ícones influentes abriu as portas a diferentes maneiras de vestir e trouxe novo valor ao jogo da moda masculina: a sensualidade.



Simultaneamente, na Inglaterra, encontravam-se os *Teddy-boys*, uma subcultura composta por jovens britânicos de classe média e amantes de rock que adotaram as roupas inspiradas na Era Eduardiana (período de 1901 a 1910 no Reino Unido, durante o reinado do rei Eduardo VII). Rodrigues (2019) os descreve como “um tiro saído pela culatra”, pois as roupas que usavam tinham sido criadas para os homens recatados e tradicionais, e não para os barulhentos e rebeldes das classes inferiores. Seu visual consistia em um paletó escuro, pinçado e com gola aveludada, uma calça bem justa, gravata e um colete de brocado (Figura 6). Essa indumentária traçou o caminho para o surgimento de um novo viés da moda masculina, o estilo das ruas, que mais tarde passaria a ser conhecido como “*streetwear*”.



Figura 6 *Teddy-boys.*

Fonte: <https://www.audaces.com/es/moda-streetwear-inspiracion-para-todas-las-edades/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

A PARTIR DOS ANOS 1960...

Para a segunda metade do século, uma conjuntura sócio-econômica-cultural impulsiona o aparecimento de uma série de explosões de expressões juvenis que vão ter uma grande influência na moda. Na Inglaterra, o estilo modernista, ou mod, ficou conhecido rapidamente, tendo como principais representantes os Beatles (no começo da carreira). O estilo era caracterizado por ternos com cortes perfeitos, lapelas finas e calças justas, cabelo curto com estilo natural. Essa moda iria influenciar homens do mundo inteiro.

Nos Estados Unidos, surge o movimento hippie, que propunha uma nova maneira de agir e pensar – uma transformação da mentalidade vigente a fim de engendrar um novo contexto social. As roupas características do movimento, segundo Marinho (2012), eram calça jeans boca de sino, vestidos de tecidos leves, camisas estampadas com cores chamativas e motivos psicodélicos, sapatos e bolsa artesanais, acessórios feitos com elementos naturais; tinham uma clara influência étnica. Eles protestavam contra a indústria e usavam raízes folclóricas. Toda a vestimenta era remetida ao natural, à natureza de forma geral e à repulsa à fabricação e ao consumo em massa, por isso preferiam produtos artesanais. O estilo hippie tornou-se uma corrente de moda que iria repercutir bastante nas próximas gerações. Até os dias atuais, a vestimenta do movimento inspira designers e criadores pelo mundo todo.

Figura 7 Tribos urbanas.

Fonte: <https://pt.quizur.com/quiz/a-qual-tribo-urbana-voce-per-tence-2>Lio. Acesso em: 20 jan. 2021.

Anos mais tarde, outros movimentos de cultura pop, sobretudo musical, importantes entre os jovens também foram absorvidos pela moda, como os *punks*, que, com sua vestimenta característica, fizeram época e viraram um clássico; a moda disco; os *preppies*; os *rasta*; os *skinheads*; os *skaters*, entre outros. Lipovetsky (1987) reconhece nessas expressões uma espécie de onda neodândi, consagrando a importância extrema do parecer, exibindo o afastamento radical com outros setores da população, arriscando a provocação, o excesso, a excentricidade para desagradar, surpreender ou chocar.



Uma das grandes contribuições dessas manifestações jovens para a moda foi retirar as barreiras e abrir espaço para novas possibilidades; depois disso, todo o mundo recebeu um convite para liquidar os estereótipos, misturar estilos e sair das regras. Esses movimentos voltaram a atenção dos criadores para as ruas, que passaram a ser a principal fonte de referência e inspiração. A moda, que sempre fora imposta pelas classes nobres, agora adota as ideias de uma juventude revolucionária.

OS ANOS 1980

A década de 1980 inicia um período que Lipovetsky (1987) vai definir como a “moda consumada”, uma época em que a moda não tem epicentro e deixou de ser o privilégio de uma elite social, todas as classes são levadas pela embriaguez da mudança. A moda torna-se intrínseca à vida de toda a sociedade:

Uma nova geração de sociedades burocráticas e democráticas faz sua aparição, com dominante “leve” e frívola. Não mais a imposição coercitiva das disciplinas, mas a socialização pela escolha e pela imagem. Não mais a Revolução, mas a paixão do sentido. Não mais a solenidade ideológica, mas a comunicação publicitária. Não mais o rigorismo, mas a sedução do consumo e da aparência. [...] A moda consumada não significa desaparecimento dos conteúdos sociais e políticos em favor de uma pura “gratuidade esnobe”, formalista, sem negatividade histórica. Significa uma nova relação com os ideais, um novo investimento nos valores democráticos e, ao mesmo tempo, aceleração das transformações históricas, maior abertura coletiva à prova do futuro, ainda que nas delícias do presente. (p. 155)

Os anos 1980 também são lembrados como a década do *designer suit*, ou seja, a década das roupas de grife. A procura de um bom acabamento tinha sido substituída pela procura de uma marca que outorgasse uma identidade. Os homens estão cada vez mais antenados à moda e ao estilo e cada vez mais investem seu dinheiro no cuidado das aparências.

Com a explosão da cultura *gym* (Figura 8), os homens estão mais preocupados com seus corpos e passam a vestir, nas ruas, as roupas que utilizavam na academia.

Figura 8 Cultura gym.

Fonte: https://www.campingportdelaselva.com/en/gallery/?s=s=2_90_3_21_87&pp=ropa+deporte+a%C3%B1os+80&ii=2213434



Figura 9 Homem de saia.

Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/fotos/jean-paul-gaultier-estilista-de-moda>.

Chegaram, também, os designers japoneses, que trouxeram para a moda um frescor com roupas diferentes, novas formas e caimentos que hoje ainda são lembrados e comemorados em museus. Para alguns estudiosos, as coleções japonesas dos anos oitenta são consideradas a última grande inovação na história da moda. Para Rodrigues (2019), a moda masculina da década não apresenta grandes novidades; a juventude começou a olhar de forma retrô para os estereótipos dos anos 1950 e 1960. Será o começo de um processo que vai acabar revisitando todas as décadas do século XX. É significativo o fato de o estilista Jean Paul Gaultier, em 1984, lançar sua primeira coleção masculina, na qual inclui trajes com saias e vende 3 mil peças.



A ÚLTIMA DÉCADA

Os anos 1990 foram marcados por uma demanda ampliada para a moda. Surge o modelo de *fast fashion*, que vai revolucionar a indústria: um sistema em que são produzidas minicoleções ao longo do ano. As coleções que antes duravam meses para serem elaboradas e confeccionadas são substituídas por produções temáticas, que são rapidamente produzidas e comercializadas. Com tanta oferta, a década é fragmentada em muitos estilos; entretanto, nenhum deles apresenta nada realmente inovador. No final do século XX começa um processo de democratização da moda; a partir de agora, a última voga não é mais privilégio exclusivo das classes nobres, é uma realidade para todos.

SÉCULO XXI

A virada do século trouxe um grande interesse por parte da indústria da moda pelo homem, seu comportamento e seu consumo passaram a ser objeto de estudo. A moda masculina ficou na moda. Segundo Rodrigues (2018), apesar de mais de duas décadas para assumir por completo esses acessórios, o novo milênio apresenta um homem que faz uso regular de *piercings*, brincos e tatuagens.

Na primeira década do século, surge uma figura polêmica que vai mudar o comportamento e a imagem masculina: o metrossexual. García (2004) o descreve como um homem que vive nos grandes centros urbanos e faz questão de exibir um lado mais delicado, mas sem assumir, necessariamente, uma postura feminina. São homens com um poder aquisitivo elevado, que consomem roupas de grife, carros luxuosos e tratamentos de beleza. O metrossexual usa joias para homens, passa base nos lábios e faz uso de cremes antirrugas, além de combinar ousadamente suas peças e vestir cuecas das melhores marcas, consumindo produtos do mundo todo e procurando qualidade (inserir imagem).

A metrossexualidade, mais do que uma moda passageira, foi a primeira manifestação visual em tempos modernos de uma masculinidade diferente. A essa figura se seguiram outros movimentos representando outras masculinidades, como o retrossexual

(contrário aos valores metrossexuais) e o übersexual (menos exótico que o metrossexual).

Por outro lado, e, paralelo a esses movimentos, voltaram ao cenário da moda os ternos sob medida. A figura do alfaiate passa a ser valorizada novamente pelas grandes marcas. Essa reaparição da alfaiataria será também absorvida pelas ruas (que ainda determinam as tendências) e será misturada a outros estilos mais relaxados, como as roupas esportivas.

Para a segunda década do século XXI, e graças à tecnologia e à explosão da internet, se popularizam os blogs, as redes sociais e a informação em tempo real. Mudam, também, alguns processos e nascem novas formas de fazer roupas, como com os tecidos inteligentes e os *wearables* (todo e qualquer dispositivo tecnológico que possa ser usado como acessório ou vestimenta).

Também crescem as críticas ao sistema de moda, e alguns estudiosos falam de uma moda desgastada, que tem perdido o contato com o mundo e com o que as pessoas querem. Para Edelkoort (2014), o sistema de moda está se autodestruindo para que possamos viver uma nova época e para que possa surgir uma nova moda, na qual as roupas se tornarão a resposta para as orações da indústria. Segundo a autora, as roupas vão dominar as tendências para o futuro. Na “nova moda”, a alta-costura terá um papel estelar e ocupará esse vazio que a moda antiga vai deixar. A profissão do costureiro se tornará cobiçada e será inspiração para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste capítulo, por meio de uma revisão histórica, procuramos outorgar ao leitor uma visão panorâmica sobre a moda masculina. É interessante acompanhar a evolução da indumentária através dos séculos e perceber como a moda dos homens, ora exagerada, ora discreta, muda e caminha com a sociedade e seu tempo. Acreditamos que, para olhar a indumentária contemporânea e conseguir entendê-la, torna-se necessário relacionar o passado com as complexidades do nosso presente histórico. Essa junção constitui uma das bases fundamentais para qualquer pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

EDELKOORT, L. *Anti-fashion: a manifesto for the next decade*. Paris: Trend Union, 2015.

FLÜGEL, J. C. *A psicologia das roupas*. Tradução Antonio Ennes Cardoso. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

GARCIA, W. *O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil*. Caicó: Mneme, 2004.

HARVEY, J. *Homens de preto*. São Paulo. UNESP, 2004.

LIPOVETSKY, G. *O Império do efêmero: a moda e seus destinos na sociedade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MARINHO, L. *A identidade hippie analisada na cidade de viçosa - MG*. Juiz de Fora: UFJF, 2012.

MEDINA, C. F. La moda, el sentido del vestir y la posmodernidad. Iconofacto. *Revista de la Escuela de Arquitectura y Diseño*, 2008.

QUEIROZ, M. *O herói desmascarado: a imagem do homem na moda*. São Paulo: Estação de Letras e Cores, 2009.

RODRIGUES, L. *400 anos de moda masculina*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2019.

SCHMITT, J. *Construindo a diferença: vestuário e gênero no século XIX*. São Paulo: Arte Revista, 2018.